

A Saga de

Mitrax

O Arcanjo Miguel e o Demônio de Nêmana

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo

A h, que figuras admiráveis são os arcanjos.

Tão nobres em espírito

Tão belos em forma.

D os escombros do vazio se erguem,

N a falta de sentido da vida se baseiam,

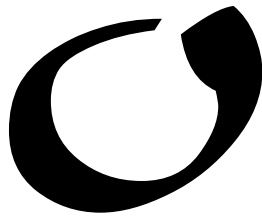
Elevando-se para a mais solene das posturas:

○ Staká Maleh, a completude no servir,

○ desejo genuíno em promover a caridade,

○ verdadeiro alimento do espírito.

Arcanjo Gabriel



rugido se elevou ecoando pelas colinas

geladas. Imediatamente, gritos humanos surgiram, chamando a atenção de ambos.

-O que é isso? – indagou Uriel, alarmado.

-Não é coisa boa! – concluiu Miguel. Depois acrescentou: - Vamos!

Mudaram o plano de vôo, viajando sobre a paisagem glacial. Não demorou muito para avistarem a fonte do rugido. Primeiro, manifestou-se como um ponto escuro deslocando-se contra o fundo branco. Mas, à medida que se aproximaram, a imagem do mamute correndo furiosamente sobre a neve se revelou. Protohomens que estavam por ali procuravam fugir, mas o mamute se dirigia para um local onde vários humanos se encontravam – dentre eles mulheres, crianças e bebês.

-Devemos ajudá-los? – indagou Uriel, flutuando no ar.

Miguel analisou a situação com a sua tetravisão. Viu sangue e morte.

-Será necessário nos materializarmos. Mas eles não podem ter contato conosco.

Mas Uriel nem esperou o matador terminar a sua fala. Precipitou-se através do ar agregando moléculas de oxigênio, nitrogênio, água e gás carbônico e convertendo-as em matéria orgânica, até que assumisse a forma de uma espécie de macaco com espesso pelo esbranquiçado e rabo longo, correndo em trajetória de interceptação do mamute. Quando Miguel viu no que o companheiro tinha se consubstanciado, levou sua mão contra o rosto, no plano astral, imaginando de que forma um mero macaco poderia deter um enorme mamute.

Mas este avançava enfurecido, aproximando-se da área onde os humanos estavam. Quando eles se aperceberam da aproximação, alarmaram-se. Alguns correram, mas outros, apavorados, nus, mas com pelagem natural – pois ainda não eram muito além que macacos – ficaram paralisados. Dentre estes, algumas mulheres carregando as suas crianças.

O macaco Uriel atingiu a trajetória do paquiderme num ponto onde este já tinha passado. Assim, teve que correr atrás dele. Apesar da neve, ele era rápido e logo alcançou o mamute. Mas o seu plano era subir sobre ele agarrando-se à sua cauda, contudo, quando estava bem na retaguarda do grande animal, constatou que o seu rabo era curto demais. Então, teve que improvisar: tentou agarrar uma das patas do animal, mas tudo o que conseguiu foi um coice bem doído, que o arremessou para longe.

Entretanto, nesse exato instante, um tigre de dentes de sabre se emparelhou com o animal e, desviando-se agilmente de suas patas, conseguiu se meter sob o seu corpo,

acompanhando-o na mesma velocidade. Faltavam apenas alguns segundos para que o mamute atropelasse os humanóides.

O tigre, então, usou suas longas unhas e feriu o abdômen do paquiderme. O mamute urrou, mas, para espanto de Miguel, não desviou a sua trajetória. Então, o arcanjo tentou novamente, unhando-o outras vezes, fazendo-o sangrar, enquanto, ao mesmo tempo, tentava se manter longe das patas e equilibrado na correria. Mas o animal parecia endiabrado e, apesar da dor que sentia, permanecia no mesmo ritmo e direção.

Mas o macaco não havia desistido, pois apareceu novamente correndo paralelamente ao mamute e, num instante em que este passou ao lado de uma elevação, o macaco correu por sobre ela, saltando audaciosamente sobre o grande mamífero. Mas, uma vez que ele estava ali, o que poderia fazer?

Bem, ele não pôde ter uma idéia melhor que a de correr sobre a cabeça do animal e tapar-lhe os olhos. É claro que aquilo também não o desviaria, mas foi o suficiente para que, descontrolado pelos ferimentos no abdômen, o mamute tropeçasse e rolasse violentamente pelo solo, projetando grande quantidade de neve às alturas.

Os três animais se converteram numa massa única. Uma massa única de vinte toneladas que formou uma imensa bola de neve, que quicava sobre o chão, até parar ruidosamente a poucos metros dos humanóides que tremiam.

Uriel, já na forma de arcanjo, no plano astral, levantou-se e, mirando os selvagens, suspirou aliviado. Mas Miguel exibia uma face densa, preocupada.

-Ouviu isso? – indagou ele, intrigado.

-O que? – indagou Uriel.

-Um riso... um riso de escárnio – explicou o matador. – Foi por um breve instante, mas...

Uriel pensou imediatamente se tratar de uma impressão, causada pelo impacto do corpo do mamute, que, nesse instante, morria. Mas Miguel virou-se em direção de onde o mamute tinha vindo e contemplou o vazio branco com olhos profundos e analíticos.

#####

Havia uma grande quantidade de anjos ali. Talvez uns quarenta, àquela hora, ao por do Sol. Tratava-se de um lugar improvisado, ao ar livre. Alguns deles haviam esculpido coisas no gelo que serviam para um anjo se sentar e havia uma máquina estranha nas imediações. Uma máquina silenciosa e dourada que despejava um líquido transparente, parecido com glicerina quente, por uma espécie de torneira aberta, com o formato de cabeça de dragão. Os anjos periodicamente enchiam canecas de cristal com aquele líquido e o bebiam, aparentemente animados, conversando entre si, auditiva ou mentalmente. Havia música também. Música astral, que não podia ser apreciada por seres encarnados, tanto pelo fato de não ser possível ouvi-la fisicamente, como também pela impossibilidade de compreender sua melodia. Se humanos pudessem ouvi-la, a confundiriam com o atrito de um sem número de

esferas de metal. Mas a música estava ali, nas entrelinhas, depositada sobre altíssimas frequências.

-...pois eu vos digo o seguinte: - continuou Belial, balançando o conteúdo de sua caneca em voltas, como se tentasse descolar o líquido (“líquido” não é a palavra certa, mais é o mais próximo possível do estado da substância que estava ali) do fundo, já meio grogue do misrajour¹ - jamais sairemos novamente desse lugar! Já estou até preparando o meu vaso!

Miguel olhou bem para o seu interlocutor. Tentou analisá-lo, para tentar descobrir se ele falava sinceramente ou queria provocar um estado de alarme num arcanjo, fato do qual ele poderia se gabar pelos próximos eons².

-Certamente o misrajour fez-vos esquecer que sou um arcanjo – respondeu Miguel, aparentando uma rocha.

-Ah, sim... – admitiu Belial. – É claro, podeis voar através do espaço quando bem entender-vos, abandonando-nos neste mundo esquecido pelas virtudes!

Miguel demorou para responder, fixando profundamente o olhos do “jovem” anjo, o que o intimidou um pouco, afinal, estava diante de um dos auxiliares de Aaor. Mas, após alguns instantes naquela situação, o arcanjo finalmente disse:

-Poderia estar meditando numa hora dessas, estendendo o meu sensorium sobre toda a superfície deste planeta, mas estou aqui. Sabeis porque, não?

-Ah, estais aqui para apreciar esse misrajour celestial que jorra sem parar daquele destilorium que improvisei! – disse o anjo, aparentemente se gabando, erguendo a caneca já quase vazia e olhando para o céu. – Feito pelo qual toda a companhia me agradece, como se eu fosse um deus!

-Sabeis muito bem que não é por isso que estou aqui! – contraargumentou Miguel, sério e compenetrado.

É claro que Belial sabia. Então, ele olhou para um lado, depois para o outro, para se certificar se nenhum outro anjo os ouvia.

-Olhai – disse ele, - sou subordinado direto de Mitrael e não devo explicações a vossa consciência!

-Conversa fiada! – exclamou o arcanjo, tentando dar uma dura no jovem.

¹ Bebida barata feita artesanalmente pelos anjos igdoloh, ou seja, aqueles que ainda não sofreram a passagem pelo Gdolah Eikanut, ou “o Grande Vazio”, ou seja, anjos novatos. A bebida provoca um estado de consciência particular nos anjos, uma espécie de torpor que lhes limita as sensações e um estado de “independência eufórica”, o atsmoad sussetô. A bebida tem efeito apenas moderado em arcanjos, no entanto, é apreciada por estes, a despeito de sua baixa qualidade.

² Um eon corresponde ao tempo em que a luz leva para cruzar a galáxia, ou cerca de 100.000 anos. Esse período é extremamente marcante para a existência dos arcanjos, uma vez que uma parte fundamental de sua alimentação é constituída pelas impressões que recebem dos sistemas solares pertencentes à galáxia, os quais viajam à velocidade da luz. Grosseiramente falando, seria equivalente à percepção psicológica que humanos têm com relação ao ano planetário.

Vendo que não dissuadiria o seu superior, Belial repetiu o gesto anterior, olhando para lá e para cá. Depois, aproximou o rosto, por sobre a mesa de gelo, e, resolvendo desembuchar, disse baixinho:

-Olhai, matador, vós pensais que o que eu ando cochichando por aí é só para fazer os noviços ficarem com medo, mas sei o que estou falando!

-Continuai.

-É só juntar os fatos! Que melega de cabeça está sobre os vossos ombros?

-Continuai – repetiu Miguel, frio como uma rocha.

-Não fiz mais nada além de me perguntar: o que estamos fazendo aqui?... toda uma companhia, nesse planetinha insignificante perdido no espaço, enquanto a coisa come solta lá fora! Deveríamos estar na frente de batalha, em Az-Nalrar ou em Pétritha. Não é por acaso que estamos perdendo a guerra!

-Estamos aqui para proteger a nascente humanidade – repetiu Miguel a frase feita que muito fora mencionada.

-Proteger do que? Que importância tem isso?

-Sabias que a raça humana foi extinta de Cazoar Nazdac? Eles são como nós um dia, anjo! – disse Miguel, mais para ver qual seria a contra-argumentação do anjo do que propriamente por convicção.

-Mas foi um caso em cem! Não vistes as estatísticas? Pois eu digo que esses proto-humanos não precisam de nós. Está certo que eles morrem aos montes, coisa e tal, mas... e daí? – indagou ele, dando de ombros.

-Ah, é, sabidinho? – indagou o arcanjo. – E qual é a vossa teoria?

Belial olhou novamente para os lados. Depois disse, tomando cuidado com o volume da voz:

-Acredito que estamos aqui por outro motivo. E um motivo bem importante! Está certo que não valemos muita coisa. Essa anjarada toda que está aqui é de terceira categoria, a maioria mal passou pelo Gdolah, mas, ainda assim é uma companhia inteira, mil anjos! E, além do mais, no contexto de falta de naves de combate, por que fomos trazidos aqui por uma novinha e armada até os dentes como a Inarion? E aquele canhão phaser instalado na lua desse planeta?

Miguel estreitou os olhos. Procurava explicação para as perguntas do anjo, mas não as encontrava. Percebeu que ele tinha razão. Alguma coisa estava acontecendo, alguma coisa que escapava à sua percepção. E os argumentos de Belial se somaram a outras coisas que já havia percebido e outras sensações que havia sentido. Não, a Micropella não era apenas o mero berço de mais uma civilização humana na galáxia. Devia ser bem mais que isso.

-Bem... – disse Belial, levantando-se, - tenho que voltar aos destroços da Inarion³. Tenho que fazer aquele dispositivo EPR voltar a funcionar. Por acaso não tendes ligação com alguém especial fora daqui?

A última pergunta tecnicamente seria perfeita, uma vez que a ligação entre entes queridos poderia restaurar, pelo menos parcialmente, a capacidade de comunicação interestelar da companhia, mas, na verdade, a pergunta era uma ofensa, dado que Miguel era um arcanjo lodu⁴.

-Sou um auxiliar de Aaor! – disse o arcanjo, firmemente, tentando colocar Belial no seu devido lugar.

-Ah, sim! – exclamou o jovem, batendo provocativamente a mão no ombro do arcanjo. – Tinha me esquecido!

E se pôs a andar, com um sorriso nos lábios.

Contudo, teve que se deter:

-Belial? – chamou Miguel.

-Sim? – disse ele, se virando novamente.

Mas Miguel, ainda sentado sobre um bloco de gelo, não o encarou. Manteve-se de costas, perguntando:

-Não dissestes que jamais sairíamos daqui? Mas vejo que estais consertando o intercomunicador.

-Bem... – disse o anjo, antes de voltar a caminhar novamente, - eu menti!

#####

Uriel tomou fôlego. Sentia alguma coisa que parecia que ia explodir dentro do peito. Se fosse um humano, dir-se-ia que estava nervoso. Olhou para a tenda no meio da neve e na escuridão, e suspirou. A tenda, constituída por um campo de força em formato piramidal, brilhava. Uma luz branca azulada. Fez um esforço para que suas pernas fossem adiante, mas estava difícil, afinal, esse era um dos momentos mais esperados de sua existência.

Mas, audaciosamente, parou a dois metros da tenda e reuniu coragem suficiente para indagar:

-Senhor?

A resposta demorou para ser pronunciada. E veio na forma de um sussurro rouco:

-Sim?

³ O relato sobre a chegada atribulada dos anjos à Micropella será feita em Relatos de Mitrax aos seus Pupilos, Livro I, canto III.

⁴ Os lodu estão no terceiro grau de consciência dos arcanjos, quando eles passam pelo estado de Staká Maleh, ou a completude no servir.

Uriel ensaiara suas falas à exaustão, mas, nesse momento, diante da emoção, quase se esquecera do que diria:

-Senhor, permitais me aconselhar?

-Entraí, Uriel – foi o que disse a ténue voz.

O arcanjo, então, fechou os olhos e deu alguns passos à frente, atravessando o campo de força. Mas não teve coragem de abri-los imediatamente. Somente o fez quando ouviu um riso.

Abriu somente uma das pálpebras, meio assustado e, levando um susto maior ainda, viu que tinha, diante de si, justamente o que viera buscar.

Ajoelhado sobre um tapete midrair, confeccionado nas Montanhas Transparentes de Ca, estava o arcanjo com a cabeça em chamas, Gabriel, que olhava bem para o noma⁵, com um sorriso nos lábios.

Uriel fez menção de dar um passo atrás, mas o zak tratou de tranquilizá-lo:

-Relaxai, Uriel. Não vou vos tirar um pedaço!

Imediatamente, vendo que estava numa posição física mais elevada que o seu ídolo, se jogou no chão, de joelhos e com o rosto quase colado no solo. Nesse momento, para demonstrar sua inferioridade, cavaria um buraco e se jogaria lá dentro, se tivesse tempo para isso.

Gabriel riu animadamente.

-Então sois o famoso Uriel!

-Famoso? Eu? – indagou o noma, com voz abafada, sem ousar levantar o rosto.

Gabriel continuou rindo.

-Se não elevardes a cabeça, colega, como iremos travar um diálogo?

Ao ouvir a voz apaziguadora do zak, o arcanjo negro ousou abrir um único olho, orientando-o na direção de seu ídolo.

-Uriel? – indagou Gabriel, virando o rosto para encarar melhor o novato. – Podeis vos levantar!

Rapidamente e desajeitadamente, Uriel se pôs também de joelhos, na mesma posição que o zak.

⁵ Os arcanjos, conforme evoluem, passam por quatro níveis de consciência: Noma – os novatos, como Uriel, que “recentemente” passaram pelo Gdolah Eikanut (o grande vazio); Adas; Lodu – estado em que se encontram os arcanjos Miguel e Rafael; e Zak, que é o mais evoluído, o estágio que antecede a condição de principado. É sabido dentre os arcanjos que a transição mais difícil na evolução espiritual desses seres é entre os níveis Adas e Lodu. Para que isso ocorra, o arcanjo deve atingir o estado de Staká Maleh, ou a completude em servir.

-Sobre o que desejais conversar? – indagou o zak.

-Mestre, eu... – balbuciou o noma, sem ousar encarar Gabriel. – Eu... tenho algumas dúvidas...

-Então falai, rapaz! – disse ele, animadamente.

Uriel pensou em que dúvidas tinha. Naquele momento não se lembrou direito delas. Mas havia uma coisa a dizer, uma coisa que tinha que dizer:

-Mestre, eu... antes de tudo, gostaria de dizer que... isto é, se me permitirdes... que admiro-vos profundamente e que... que almejo seguir-vos os passos... É! É isso!... É isso aí!

Gabriel encarou o seu interlocutor de forma sorridente. Parecia refletir sobre essas palavras, embora sentimento algum pudesse ser distinguido em sua face flamejante.

-Cada arcanjo é um universo diferente, Uriel – foi a resposta. – Olhai por exemplo para Mitrael. Tão digno e inteligente. Tão piedoso. E Miguel: tão sério e compenetrado. Preocupado em seguir o seu caminho da melhor maneira possível. E Rafael: tão belo e vigoroso. Cada um deles cumprindo suas designações, mas com um estilo completamente diferente.

Uriel refletiu sobre aquelas palavras. Depois ousou dizer:

-Mas eu... eu... – e parecia hesitar: - Às vezes, eu..., as vezes não, quase sempre, eu... eu não sei como agir!

-Segui os vossos instintos – disse Gabriel, com voz suave. - Dentro de cada um de nós há um sábio ser que reconhece o que deve ser feito e o que não deve ser feito.

Mas Uriel, que instantes antes ousara olhar para o seu interlocutor, baixou novamente os olhos, parecendo envergonhado, parecendo hesitar em dizer o que realmente queria. Gabriel, para diminuir o seu grau de intimidação, passou a olhar para o alto, como se lesse alguma coisa nas alturas, e disse:

-Vamos, Uriel, colocai logo para fora. Sentir-vos-eis melhor!

O anjo negro olhou novamente para a face de Gabriel. Viu aquele rosto, que parecia o de um chinês idoso. Viu as chamas amareladas e avermelhadas que saíam das laterais de sua face e do alto de sua fronte calva, submergindo sua cabeça, como um capacete feito de labaredas.

Então, sentiu que teria que falar o que tinha que falar, pois, se não falasse, certamente Gabriel estenderia a sua indefensável mão, e o roubaria de dentro do seu peito.

-Eu... eu sou uma farsa! – confessou.

Gabriel caiu na gargalhada.

-É sério! – disse Uriel, sem saber se ficava com medo ou indignado com a reação do zak. – Eu... eu não passei pelo Gdolah Eikanut!

Gabriel ficou sério. Arregalou os olhos, olhando para Uriel. Mas este continuou “se confessando”:

-É que eu queria muito ser um arcanjo e então... acho que enganei o Senhor da Luz!

Gabriel continuou encarando-o daquela maneira estranha. Mas não se agüentou por muito tempo e caiu na risada novamente:

-Então enganastes Aor! Há há há! Essa é boa!

Uriel se sentiu constrangido com a risada. Depois Gabriel parou e indagou, com um sorriso nos lábios:

-Vós, um noma, enganando uma virtude! Ora, Uriel, Aor é capaz de penetrar-nos na alma, analisando-a pormenorizadamente, conhecendo-a muito mais do que nós mesmos! Quem sois vós para acreditar que enganastes uma virtude?

-Mas eu, eu... – balbuciou o anjo negro.

Gabriel suspirou e, fechado os olhos para refletir, juntou as mãos em namastê.

-Vamos por partes... – disse ele. – Ora, não passastes pelo ismana ahava⁶?

-Ismana ahava? – repetiu Uriel, abrindo os braços. – Minha existência inteira foi ismana ahava!

-Mas, depois de um longo tempo de ismana ahava, o que sentiste?

-Bem todo mundo sabe que depois vem o grande vazio!

-Mas o que sentistes, Uriel? – inquiriu o zak, agora com voz poderosa, intimidadora.

-Bem... – disse o anjo, hesitante, - vazio...

-E o que mais?

O noma pensou:

-Solidão...

-E o que mais?

-Uma sensação de... de estar perdido, sem conexão com o Universo!

-Ah! – disse Gabriel, elevando novamente a face às alturas, parecendo saborear as palavras do novato: - O Gdolah Eikanut!

-Sim, mestre, mas...

⁶ O ismana ahava é o período em que os anjos se dedicam integralmente ao amor coletivo e a prazeres de toda sorte. Os detalhes desse estado de consciência são explicitados pelo Sexto Ensino, que será expresso em O Fogo de Dracmali.

-Mas o que, Uriel?

-Bem... não foi lá um grande vazio... Acho que não foi bem um gdolah eikanut... Acho que foi um gdolah eikanutizinho!

Gabriel pôs-se a rir novamente.

-Gdolah eikanutizinho? Acreditai-me, Uriel, não existe isso!

-Sério?

Diante dessa última pergunta estúpida, Gabriel nada disse. Limitou-se a olhar profundamente o seu interlocutor. Então Uriel entendeu que, é claro, era sério.

-Próxima pergunta – disse o zak, serenamente.

-Próxima pergunta? – indagou o noma.

-É claro – respondeu Gabriel, ainda serenamente. – Vejo muitas nuvens em tua alma...

Uriel pensou. Qual era a próxima dúvida mesmo?

-Ah, sim! A chave!

-O que tem a chave?

-Bem, como vós, no Erhah-Lalôt, eu escolhi a chave. Mas... para que ela serve?

Gabriel olhou pasmo para o noviço, aparentemente quase sem acreditar que alguém escolheria a chave sem saber para que serve. Por fim, respondeu:

-Para abrir coisas, é claro.

-Para abrir coisas? – estranhou Uriel. - Que coisas?

-Quaisquer coisas, Uriel. Objetos, lugares, dimensões, o coração das criaturas...

Uriel pensou.

-E como faço isso?

-Ah – disse Gabriel, misteriosamente. – Isso tereis que descobrir. Cada chave confeccionada pelos artesãos de uma virtude funciona de maneira diferente, ressonando de acordo com os estados de consciência e sentimentos de seus portadores!

-Sério?

Gabriel voltou a fixar profundamente o seu interlocutor, estreitando os olhos. Depois de um longo tempo assim, finalmente sussurrou (mas foi um sussurro firme, quase aterrorizador):

-Se repetirdes novamente a palavra “sério”, vos incinero com minhas chamas!

Uriel arregalou os olhos. Ia dizer novamente a maldita palavra, mas se conteve:

-Sim... mestre!

-Ora, Uriel, podeis interagir com vossa chave. Conversar com ela, amá-la! E ela nunca vos abandonará!

Uriel pensou. Bem, aquilo já fora demais para ele. Conversara com o seu ídolo. Se tivesse sido apenas um "oi" já estaria nas nuvens do sétimo céu, mas um diálogo inteiro... Puxa vida, poderia contar aquilo para os seus netos, isto é, se os arcanjos tivessem descendentes.

-Bem, senhor – disse ele, inclinando-se novamente o mais que podia, quase beijando o chão. – Agradeço-vos do fundo de meu espírito!

Gabriel fechou os olhos e inclinou levemente a cabeça a frente, num gesto de reverência e humildade. Mas, quando Uriel já se levantara, ele subitamente indagou seriamente:

-Uriel, já enfrentastes um lorde demônio?

-Lorde demônio? – repetiu o noma, alarmado. – Não... nunca vi um, mestre!

-Pois estudais sobre eles, Uriel. – Disse Gabriel, um tanto pensativo. - Um dia há de encontrardes um. Já vos contei como adquirir estas chamas em torno de minha frente?

-Não, mestre...

-Pois foi no enfrentamento com um lorde demônio – disse Gabriel, seriamente, compenetrado, olhando para o nada. – Uma criatura dos infernos, um senhor do fogo. Uma criatura sem piedade, desalmada.

Depois se calou. Nada mais disse. Uriel refletiu por uns instantes. Depois, finalmente saiu da tenda. É claro, pensou ele, mais cedo ou mais tarde, um arcanjo se depara com um. Então, um dia, seria realmente prudente aprender bastante sobre eles, afinal, nunca se sabe quando um aparecerá. Aquele realmente fora um ótimo conselho. E Gabriel era famoso pelos ótimos conselhos. Boa aquela também da chave. Iria conversar com ela. Puxa, que noite!

A voz do zak ainda ecoava em seus ouvidos astrais, como uma saborosa música. Não é todo dia que se pode conversar com o seu maior ídolo!

Assim, absorto em tais pensamentos, logo ali, próximo à tenda, Uriel se deixou cair sobre a neve, de costas, amassando suas penas brancas. E, moleque, feliz, passou a agitar os braços e as pernas, cavando a neve, deixando um sulco no formato de anjo.

#####

Na manhã seguinte, quando se aproximava do Vale da Palavra, Miguel o viu mirando o horizonte. O lugar havia sido nomeado assim, pois era ali que os anjos se reuniam periodicamente para que os seus instrutores lhes lembrassem de seus deveres e rebelassem as tentações. Para os arcanjos, o transcorrer de dias e noites não requer sono ou repouso. Tudo

se passa como meros instantes que se acumulam na memória como os frames pelos quais os humanos interagem com o mundo, mas a visão do comandante ali, fitando alguma coisa além da colina sobre a qual se mantinha de pé, preenchia muitos frames. Miguel examinou as suas intuições a respeito de Mitrael: havia alguma coisa oculta nele e ele tinha a sensação que, em torno de sua figura, véus espessos voavam através do éter, ocultando parcialmente a realidade.

Sim, era isso. Quando estava próximo ao comandante da companhia, sua tetravisão ficava mais turva. Por que não havia percebido isso antes?

Aproximou-se furtivamente. Não queria que Mitrael o notasse. De fato ele não se virou, permitindo a aproximação, mas isso não quer dizer que ignorasse a presença do arcanjo.

Ainda era cedo e apenas os primeiros anjos começavam a se perfilar no fundo do vale, mas Mitrael estava de costas para eles. O que contemplava?

Não importava. Não era por isso que estava ali. Seu dever era o de reportar-lhe aquela estranha sensação que tivera após o episódio com o mamute e, principalmente, os rumores reportados por Belial.

Mas, quando estava a uns dez metros, uma distância equivalente a dois corpos de arcanjos, ele disse com voz firme e seca:

-O que desejais, tenente⁷?

-Senhor, desejo reportar-vos algo...

Mitrael estava estático, olhando adiante. Seus cabelos negros encaracolados pareciam rocha, de tão imóveis. Seus olhos brilhavam como estrelas.

-Falai.

Miguel ia mencionar a questão do motivo deles estarem ali, mas algo o fez se calar sobre isso. Um forte instinto limitou a sua fala ao caso do mamute. Fez, assim, um relato do ocorrido, o mais pormenorizado possível. Mitrael ouviu tudo calado e, ainda sem se voltar ao tenente, concluiu:

-Relato anotado, tenente. Algo mais?

Miguel demorou cerca de um segundo mais que o normal para responder. É claro que isso daria margem suficiente para que o comandante desconfiasse dele, mas mesmo assim o fez. Então, finalmente disse:

-Não, senhor.

-Então estais dispensado – disse Mitrael, frio como no início da conversa.

⁷ Muito complexas são as hierarquias militares arquiangelicais. Contudo, os quatro assistentes de Aoor, Gabriel, Miguel, Rafael e Uriel, exerciam, na época, um papel equipavelente a sub-comandante, ou tenente, em termos humanos, pois estavam logo abaixo do comandante geral da companhia da Micropella, papel exercido pelo arcanjo Mitrael.

Miguel deu-lhe as costas e rumou para o fundo do vale perturbado. Perturbado não com a conversa em si, mas com o que vislumbrava num minúsculo instante, um ínfimo intervalo de tempo em que focalizara discretamente o que Mitrael mirava do outro lado da colina: viu algo que poderia não significar nada, mas, por outro lado, significar muita coisa: o corpo rígido de um humanóide morto ali já há alguns dias.

O protocolo arquiangelical sobre o contato de anjos e humanóides proibia claramente o envolvimento sentimental e ordenava veementemente a indiferença. Contudo, a atitude de Mitrael não parecia ser indiferente. Havia perigo ali e Miguel o percebeu.

“Bobagem!”, disse para si mesmo. “Estou vendo coisas!”. “Mal aqui chegamos. Estamos nos adaptando...”.

E, assim, absorto em pensamentos, continuou caminhando para o fundo do vale. Os anjos chegavam às dezenas, alguns voando, outros experimentando do prazer de caminhar. A companhia havia sido dividida em quatro unidades. A maior, comandada por Mitrael, contava com quatrocentos anjos e seria designada para a construção das cidades angelicais. As demais, cada uma com duzentos anjos, seriam comandadas por Miguel, Rafael e Uriel, e teriam como incumbência a proteção das tribos humanas.

E, tão absorto estava em pensamentos e sensações, que não percebeu a aproximação de Uriel. Este vinha flutuando a poucos metros do chão, batendo suas asas lentamente. Segurava um d_raidar, uma espécie de pergaminho mágico, cujas letras, feitas por pixels móveis de tinta, poderiam mudar de lugar, formando novos textos, conforme se mudasse de página. Era uma espécie de portal, por onde vários textos e figuras poderiam aparecer vindos da Biblioteca Galáctica.

Ele se emparelhou a Miguel e, é claro, começou a falar sem parar:

-Olhai só isso: sabíeis que os lordes-demônios de Ai-Naicar haviam perdido a noção de distância, vendo tudo como coisas que mudam no tempo? E olhai essa aqui, então: um mero demônio comum de Ulriandur conseguiu destruir um império galático inteiro há 10.000 eons atrás!

-Que diabos estais lendo, Uriel? – indagou o matador.

-Ah, deixai me ver... hum... é o Tratado Fantástico de Demônios de Virandir! – exclamou o arcanjo negro, parecendo animado com o que tinha em mãos. – E olhai só: sabíeis que um poderoso lorde demônio de Altazar foi derrotado por ter se engasgado com um pedaço de mortadela? Ei, o que é mortadela?

-Eu não sei, Uriel... – disse Miguel, um tanto desconsolado. Depois se deu conta do lixo que era aquela literatura: - Ora, por que estais a ler uma porcaria como essa? Virandir é o maior mentiroso da galáxia!

-Ah, é que Gabriel me pediu para pesquisar sobre lordes-demônios e tudo o que tinha era isso. Se Belial tivesse consertado aquele dispositivo EPR, eu poderia abaixar alguma coisa mais decente da galaxynet!

-Ah, entendo. Finalmente falastes com Gabriel... – disse Miguel, parecendo pouco interessado. – Mas eu acho que ele fez uma brincadeira convosco. Não há demônios na Micropella. Deveis vos concentrar em vossos deveres e deixar essas bobagens de lado!

-Deveres? – indagou Uriel, alarmado, parecendo se lembrar de algo. – ã... temos mesmo que fazer isso?

-O que?

-Ora, falar com os anjos! Todos os dias? Isso é realmente necessário?

-O que há convosco, Uriel? Por acaso estais com medo?

-Medo? Eu? É claro que não! – exclamou o arcanjo negro. Depois olhou para os lados, para se certificar que ninguém estava ouvindo e continuou em voz baixa: - É que eu fico meio inseguro para falar para centenas de anjos... E se eu disser alguma besteira?

Miguel parou de andar e encarou o companheiro:

-Quantas vezes precisarei repetir para vos esquecerdes que um dia fostes um anjo. Sois um arcanjo agora e tendes as vossas responsabilidades!

-Tá bem, né? – disse Uriel, olhando para o chão. – Fazer o quê...

-Está bem. Agora ide até os vossos anjos e fazei um discurso firme!

Uriel olhou desanimadamente para o companheiro, mas flutuou até o lugar que lhe era destinado. A essa hora, os anjos já estavam todos perfilados, formando vários grupos no fundo do vale, grupos que se localizavam a mais ou menos um quilômetro de distância do outro. Os arcanjos se puseram sobre os seus pedestais móveis e foram instalados ali, cada um deles devendo falar à sua unidade. Mas, cada um deles tinha um estilo muito particular, embora o que tivessem que dizer fosse quase o mesmo, o que pode ser verificado por alguns trechos de seus discursos:

Mitrael, materializado de forma magnânima e séria, colocou ambas as mãos sobre o púlpito e disse:

-Soldados de Aor, a cada dia que passa, nossa missão recomeça. Imensa é a glória daqueles que servem e que perseguem destemidamente o ideal do Staká Maleh. Em particular, gloriosa é a missão desta unidade, pois será do suor de nossa frente que surgirão neste mundo as esplendorosas cidades angelicais. Teremos a missão de construir as suas muralhas, os seus vistosos edificios e as colocarmos em destaque entre as nuvens. Nossa tarefa primordial será a de procurar depósitos de bauxita para a produção de alumínio, o material com o qual serão confeccionados os containeres de hélio. Deveremos também retirar dois reatores de fusão que ainda estão operantes do Inarion e construir uma usina de energia elétrica e hélio. Se trabalharmos com afinco, em mil anos esta usina estará operante e a

primeira cidade celestial, Aradis⁸, em menos que cinco mil anos⁹, estará flutuando a poucos quilômetros daqui!

Já o vigoroso Rafael ajeitou a cabeleira dourada, exibindo fortes músculos e veias saltadas dos braços e, com voz berrante, iniciou o seu discurso:

-A proteção de civilizações iniciantes não é uma tarefa para fracos! Aquele que me seguir deve ter a coragem à frente de tudo e esquecer de todo o resto! Afinal o que somos?

-Somos fortes! Somos fortes! – gritaram os duzentos anjos, em resposta.

Miguel, por sua vez, colocou ambas as mãos unidas às costas e, de forma firme, disse aos seus subordinados:

-Todo anjo sabe quais são suas obrigações e seus deveres. Grande é aquele que segue o caminho correto, pois é o caminho que leva à evolução!

Enquanto isso, Uriel, atrapalhadamente, quase derrubou o seu púlpito. Não sabia direito o que dizer, então improvisou:

-E então, pessoal, o negócio é o seguinte: Ah... todo mundo sabe que esses humanos morrem aos montes por qualquer coisa e nós estamos aqui para... para... ora, pra dar uma mão para eles!

MITRAEL:

-Mas há muitas possibilidades de erro no caminho. As tentações se escondem nos mais sutis nichos, sempre prontas a se apoderarem de nossas almas!

RAFAEL:

⁸ Trata-se da primeira Aradis, a primogênita das cidades das alturas. Foi a sede do governo de Mitrael até a Primeira Queda, após o que a cidade foi governada pelo arquiduque Gomour até a sua destruição determinada por Aor, quando a humanidade não mais necessitava do auxílio dos anjos. Contudo, depois da Grande Migração, quando a humanidade passou a surgir na Micropella por uma segunda vez, ela foi reconstruída – segundo o projeto original – num outro continente. Mitrael voltou a governá-la, mas, nas guerras que advieram com a Segunda Queda, a cidade foi derrubada dos céus, vindo a se fixar em solo no norte da Mesovíngia, nas terras em que, na Idade dos Grandes Reis e Rainhas, são chamadas de Armon. Em: Relatos de Mitrax aos seus Pupilos, Livro X, Canto IV.

⁹ Nessa fala, Mitrael se refere aos anos locais, ou seja, micropelianos. Embora o tempo de duração de dias e anos em diferentes mundos seja diferente, os anjos têm grande capacidade de adaptação, alterando os seus biorritmos ao mundo em que estão. Desta forma, os anjos adquirem uma espécie de noção local de tempo que se assemelha ao das criaturas nativas dos mundos, embora o tempo dilatado de sua existência faça com que a noção geral do tempo, em escalas maiores, seja diferenciada. A consciência temporal de anjos e arcanjos, dessa forma, já foi comparada, em tratados cósmicos, a wavelets, ou seja, anjos e arcanjos, quando em mundos diferentes, têm uma consciência de presente imediato semelhante às criaturas nativas, podendo vivenciar plenamente o dia a dia, tendo uma percepção de passagem de tempo semelhante aos nativos. Contudo, o mesmo não se dá com a memória e a percepção de futuro, pois anjos e arcanjos, mesmo em outros mundos, têm uma consciência mais compacta de passado, sendo que as lembranças adquiridas ao longo de anos lhes parecem lembranças de dias e as lembranças de milênios como lembranças de anos.

-E aquele que tiver a vontade esmorecida é um covarde e deve ser cuspidado na cara!

MIGUEL:

-Um anjo que almeja o Staká Maleh jamais se deixaria tomar pelo mero desejo.

URIEL:

-Olhai só: tem coisas que a gente sente vontade de fazer, mas não pode, entendeis?

MITRAEL:

-Advirto-vos mais uma vez que o estado de naldê¹⁰ é terminantemente proibido!

RAFAEL:

-E qualquer um que assumir a forma de naldê leva um soco na cara!

MIGUEL:

-Sei que deveis vos lembrar do Ismana ahava com certo saudosismo, mas somos servidores de Aaor!

URIEL:

-É, as naldês têm aquelas curvinhas e são gostosas de se tocar assim, mas... podemos fazer algumas coisas mais interessantes, não podemos?

MITRAEL:

-A compaixão não é cabível a um anjo.

RAFAEL:

-Somente os maricas derramam lágrimas por aqueles animais!

MIGUEL:

¹⁰ Trata-se da forma feminina dos anjos. Os anjos têm poder limitado de alteração da forma do próprio corpo, um processo condicionado ao seu poder mental. Assim, todo anjo é capaz de assumir a forma feminina, contudo, tal forma corresponde a um estado excitado com relação ao estado fundamental que é o masculino, assim, é necessário, para manter-se nessa forma, maior energia mental. Para anjos de primeiro nível de consciência, o estado de naldê é extremamente desgastante mentalmente, mas para os anjos mais evoluídos – que estão no oitavo nível, o último antes da condição de arcanjo – o estado é facilmente atingido. Os anjos da companhia de Aaor na Micropella são anjos de nível intermediário, de forma que o estado de naldê é relativamente pouco desgastante. Embora os anjos possam manipular a forma do próprio corpo, não têm poder mental suficiente para transitar entre os planos astral e material, adquirindo ou expelindo matéria, tal como podem fazer os arcanjos. Assim, os anjos não têm a possibilidade de viajar para mundos diferentes, como fazem os arcanjos e, desta forma, somente podem viajar de um sistema solar a outro a bordo de naves interestelares. Para os arcanjos, as viagens interestelares são possíveis graças ao estado mental de não-localidade, ou jao mazdar, em que, graças ao abaixamento do estado energético mental em estado imaterial, suas funções de onda de dilatam a distâncias de até milhares de anos-luz (Em: O Arcanjo Miguel e os Dragões de Kanera).

-É até compreensível a gênese do sentimento de piedade pelos que sofrem, mas a razão, para um anjo, é mais dignificante!

URIEL:

-Bem, eles têm aquela carinha de coitados e coisa e tal. A gente fica com vontade de dar alguma coisa pra eles comerem e fazer carinho na cabeça deles, mas... ora, bolas, nós somos anjos!

E assim foram as primeiras falas, que ocorreram nos primeiros dias da estadia da companhia de Aor na Micropella. Após os respectivos discursos, Mitrael viu os seus subordinados se dispersarem convictos, rumando para as suas diversas tarefas. Já os seguidores de Rafael ergueram os braços e entoaram os seus slogans:

-Somos bravos! Somos bravos!

Miguel viu as suas duas centúrias rumarem para o norte, para mapear a localização das tribos que se assentavam naquela direção. Já Uriel, por sua vez, ao terminar o discurso, abriu os braços, esperando alguma reação de seus subordinados. Mas ninguém disse nada, todos olhando para ele com cara de bobos. Ele abaixou os braços e, sem saber o que dizer em seguida, pensou: "Céus! O que eu estou fazendo aqui?".

#####

Então, foi nesse mesmo dia que se deu o primeiro contato com o mal naquele mundo. Miguel voava alto, tentando manter no campo de sua tetravisão a maior parte dos seus subordinados, que se espalhavam rapidamente, em busca da localização de famílias (prototribos) humanas. Mesmo estando desmaterializado, no plano astral¹¹, foi atingido por algo que o derrubou dos céus. Passou por ele tão rápido que não pôde vê-lo. Exatamente o que foi também não pôde perceber, se um outro ser, um dardo ou objeto arremessado. O fato é que caiu vertiginosamente, quase inconsciente. Dor não sentiu, apenas desorientação, enquanto rumava rapidamente rumo ao solo, rodopiando, derramando o sangue transparente de arcanjo, seu fluido vital.

De qualquer forma, o que quer que o tenha atingido, foi cortante. Somente não tinha perecido, perdido a sua consistência, pois fora protegido pela sua armadura, que cobria o seu peito e costas, feita com metaadamantium. Atingiu o solo astral com grande impacto.

¹¹ Embora o plano astral não seja perceptível para seres materiais, ele não é destituído de substancialidade. Assim, seres astrais podem sentir o tato em contato com substâncias desse "plano". Contudo, não existe apenas o plano material e o plano astral. Na verdade, trata-se de termos criados no senso comum dos anjos. A Mecânica dos Sonhos estabelece que infinitos são os "planos", ou níveis de existência, cada um deles correspondendo a um estágio da malha de sonhos na qual estamos inseridos. O que se chama de plano astral é o nível em que nossas vidas cotidianas são malhadas. Mas há outros níveis superiores onde a vida dos seres astrais é malhada. A quantização da substância onírica no plano astral faz com que a sua substancialidade também possa ser captada como um conjunto de átomos. Algumas teorias cósmicas (que têm sucesso apenas parcial, na verdade) utilizam números atômicos numa escala real, do ponto de vista matemático, em vez de uma escala inteira. Números atômicos fracionários correspondem a átomos que não são perceptíveis em nosso plano material. Para maiores detalhes ver o Décimo Ensino (Em: Belzebius e a Guerra das Virtudes).

Contudo, a neve proporcionada pelo período glacial estava implantada na mente tanto de anjos, arcanjos, como também seres menos evoluídos, assim, a substância do solo astral também era branca e fofa, de forma que afundou ali, sem novos fermentos.

E, embora nada tivesse visto, pôde ouvir algo. Algo que, na verdade, já tinha ouvido antes: um riso abafado, um riso de escárnio.

Logo sentiu sendo puxado para fora da neve e jogado com grande força para o alto. O seu corpo voou. Mas foi tudo tão rápido e não teve tempo suficiente para acionar as asas. Tanto que veio a atingir novamente o chão. Contudo, agora, sentiu a dor e a dureza de uma rocha bastante irregular.

Novamente caiu e novamente foi erguido, mas desta vez pelo pescoço, que foi apertado por enormes garras. Sentiu a dureza e a frivolidade da pedra também ali. Esforçou-se para ver o inimigo, apesar da visão turva. Viu um ser de pedra com aparência demoníaca segurando-o firmemente no alto. O “ar” lhe faltou. Não era o ar propriamente dito, pois ele estava na forma astral, mas a necessidade mental de respirar¹².

Tentou apanhar a sua espada, mas foi por puro instinto. Embora estava numa posição desfavorável a agarrá-la, sabia que a espada era inútil. Lutando ainda para adquirir impressões do mundo externo, procurou ficar o mais calmo que podia, embora a mão do monstro começasse a esmagar o seu pescoço, sob aquele riso debochado contínuo. Sabia que a espada seria inútil, pois não era um arcanjo inexperiente. A dedução lógica lhe indicava que aquele não era o real estado físico da criatura. Era certo que o seu algoz era um ser que lhe captara a mente e verificara que sentira dor ao atingir a rocha, e que aquela dor fazia parte de sua mente. Descobrira uma de suas fraquezas: Miguel tinha uma mente que ainda consubstanciava fortemente a rocha e que ainda se feria ao contato com elas: um resquício de seu passado longínquo que ainda carregava. Então, ele se transformara em pedra, uma forma que certamente também o imunizaria contra a sua espada.

Só tinha uma chance: lutar mentalmente contra a emergência da dureza da rocha. Mentalizar a sua inconsistência, fazendo-a ficar mais maleável. Mas isso não era fácil de fazer, o poder mental de seu captor era muito forte. Obviamente, era um principado¹³.

¹² Os alimentos de anjos e arcanjos são mais sutis. As naturezas dos alimentos não se diferenciam necessariamente de um nível, ou plano, a outro da existência. Assim, os humanos e animais dependem criticamente de alimentos sólidos e líquidos e também dos gases que respiram. Mas, para a manutenção de seus corpos, não dependem de alimentos mais sutis como o sexo e as impressões. Anjos e plantas (e por isso as árvores e plantas têm um correspondente astral muito forte) não necessitam de alimentos sólidos, mas os primeiros necessitam do sexo, de tempos em tempos, para manter a forma íntegra de seus corpos. A completa inanição sexual os faz retornar ao pó. Os arcanjos, por sua vez, não dependem de sólidos nem de líquidos, e nem mesmo de gases materiais; contudo, dependem criticamente das impressões, e alimentos ainda mais sutis – como os proporcionados pelo estado de Staká Maleh. Contudo, devido à emergência da realidade proporcionada pelas suas mentes, têm que as impressões penetram em seus corpos principalmente através da boca e narinas.

¹³ Os estágios evolutivos dos seres no Universo de Aara são: minerais, plantas, animais, elementais, humanos, magos, anjos, arcanjos, principados, potestades, virtudes, dominações, tronos, querubins e serafins. Para maiores detalhes, ver <http://mitraxisaga.com/LinhagensEvolutivas.php>.

Empenhou-se nisso, esforçando-se para não ser tomado pelo desespero. Mas o destino não quis que ele soubesse se teria sucesso nisso ou não, pois o monstro foi varado por uma espada flamejante, fato esse que foi acompanhado por uma voz estrondosa:

-Tomai, covarde! Defendei-vos!

O monstro soltou Miguel – que caiu no chão, quase sem forças, e se virou. Momentos antes, a espada foi recolhida, e Miguel pôde ver uma imagem pouco nítida do demônio de pedra frente a frente com outro arcanjo: o corajoso Rafael.

-Noma tolo! – gritou o demônio, com voz rouca.

Então, este retirou uma arma da cintura, uma espécie de cimitarra, com a lâmina que se curvava em quase cento e oitenta graus, como uma foice manual. Eles passaram a lutar, fazendo com que as lâminas colidissem estrondosamente, fazendo o chão tremer. Miguel procurou se levantar como podia, sacando também a sua espada.

O demônio, para enfrentar Rafael, assumiu outra forma, uma forma de naldê, com pele negra e suave, uma naldê dos mil prazeres, e Miguel observou que aquilo afetou o companheiro, que já não golpeava mais com tanta veemência. Então, entrou também na briga, aproveitando que o inimigo já não estava na forma de pedra.

As três lâminas fizeram uma dança mortal, com golpes tão rápidos que não podiam ser acompanhados por mentes humanas. O principado, tendo dois fortes opositores, teve que intercalar a forma feminina com a forma pétreia, alternadamente, conforme recebia golpes dos dois lados. Eles bailavam um em torno do outro qual corpos celestes, projetando grande quantidade de neve ao alto. E o demônio não parava de rir, irritando os dois arcanjos.

Então, procurando alterar o intervalo de tempo entre dois golpes, Miguel conseguiu atingir a perna da criatura, quando em estado de Naldê. Mas o golpe não teve o efeito que ele esperava, pois uma espécie de energia percorreu a sua espada, partindo-a em dois e arremessando-o longe com uma explosão de luz azulada. Rafael estava novamente sozinho com ele, mas aproveitou o tempo gasto para derrotar Miguel e, gritando

-Vade para o inferno!

pulou sobre o demônio, fazendo sua espada flamejante atravessar o seu rosto. Porém ele, em desvantagem, se desfez em pó, sendo que as partículas dessa substância logo evaporaram, transformando-se em partículas de luz que, logo, evanesceram.

Rafael teve que se abaixar para recobrar o fôlego, encher-se novamente de impressões, para que pudesse continuar conectado à realidade. Mas isso foi breve. Logo, estava ajudando o companheiro a se levantar. E, é claro, não perdeu a oportunidade de gabar-se:

-Ainda bem que estava por perto. Não teríeis chance contra ele!

Miguel olhou bem para ele, enquanto procurava se por de pé. Nada disse, e também não estava com cara de amigo.

-Ei, não achais que mereço um simples “obrigado”?

-Ele fugiu, Rafael! Tirai esse sorriso dos lábios! – quase gritou o matador.

-Ei, esperai aí: se o papaizinho aqui não tivesse aparecido... – disse o “bonitão”, indignado.

-Não é assim que se luta contra um principado! – disse Miguel, visivelmente irritado.

-Ah, quereis me ensinar meu ofício, não é? Ah, seu petulante!

E, então, Rafael agarrou a placa de peito da armadura de Miguel e o trouxe junto a si:

-E vou vos dizer uma coisa, matador: não tendes companheirismo nenhum! Então, daqui pra frente, também não sou vosso amigo!

E jogou novamente Miguel no chão e se foi, abrindo as asas e voando. Miguel, sentado sobre a neve, exibindo o profundo corte transversal em sua armadura, suspirou desanimado.

#####

Mais tarde, ao crepúsculo, voltou ao acampamento. Havia vasculhado vasta área, mas nem sinal da criatura. Deveria reportar-se a Mitrael, mas... sentira algo estranho nele. Algo que não sabia exatamente o que seria.

Pousou suavemente sobre a neve, desejoso de descanso. Certamente, nos próximos dias, atingiria o estado de Vek Nofshi, ou vazio mental. Mas não seria agora, pois, tão logo pousou, ouviu um alarido. E, pelas características daquelas vozes, pressentiu encrencas. Então, voou em direção ao barulho e, por trás de uma colina próxima, pôde ver o que estava acontecendo: um bando de anjos reunidos, centenas deles, dispostos na forma de um círculo desordenado, em torno de dois deles que pareciam lutar entre si. Certamente seria uma luta, pois os gritos que se elevavam ao ar eram de incentivo e exaltação a um ou a outro dos combatentes.

Miguel se aproximou e a forma com que eles lutavam o deixou atônito. Não esperava ver aquela cena; pelo menos, não tão cedo ali, na Micropella. A forma que eles lutavam era um tanto... - como dizer? – violenta.

Empunhavam grandes martelos de metal e golpeavam o rosto do adversário. Os rostos deles regularmente se amassavam, como se fossem feitos de lata, e, com algum esforço mental, voltavam à forma original. Mas muito sangue incolor era derramado e, visivelmente, eles já estavam ficando cansados.

Mas o contato mental entre os combatentes e espectadores era intenso e Miguel podia senti-lo. Manifestava-se como impulsos análogos a elétricos que, em ondas, percorriam o corpo de todos os anjos posicionados ali, excitando-lhes o corpo e a alma.

Miguel não poderia admitir que aquilo continuasse. Procurou visualmente por Mitrael, mas, é claro, ele não estava ali. O comandante jamais permitiria aquilo. Contudo,

Miguel viu algo que o desagradou mais ainda. Rafael estava lá e, como se isso não bastasse, também torcia por um deles, erguendo ruidosamente os braços.

Decidiu caminhar a passos firmes em direção ao círculo de anjos e por ele passou facilmente, pois os seres alados, diante da sua autoridade, deixaram-no passar, temerosos.

-Parai! – disse, com voz estrondosa.

O efeito daquela voz poderosa fez com que os enormes martelos se quebrassem e suas migalhas caíssem na neve. A cadeia mental da ira e da satisfação do combate, o atô querouf, pareceram cessar imediatamente, sob o poder mental do arcanjo.

Os combatentes se detiveram e, espantados, olharam para ele.

-O que estais a fazer? – indagou Miguel.

Os anjos nada responderam. Limitaram-se a ficar estáticos, em posição de sentido.

E divinos eram aqueles anjos e dignos de serem contemplados. Os que estavam posicionados no círculo cintilavam, tendo a luz do crepúsculo a lhes refratar nas hastes translúcidas de suas penas alvíssimas, formando pequenos, mas múltiplos, arco-íris. Miguel, com o porte de um arcanjo¹⁴, que superava os demais em altura, apresentava faíscas azuis saindo dos olhos e penetrando novamente na pele do rosto, dinamicamente, como arcos voltaicos. Seus cabelos, negros como a inexistência, pareciam portais à danação, pois sugeriam a quem os olhassem, serem múltiplas serpentes que sugavam as almas à completa dissolução.

-Quais são os vossos nomes? – quis saber o sub-comandante.

Após um breve instante de hesitação, um deles respondeu:

-Amaziel, senhor...

Sendo seguido pelo outro:

-Samizael, senhor...

-Sois do batalhão de Mitrael, não sois?

Eles, constrangidos, nada responderam, mas o silêncio indicava concordância.

-Se eu pegar novamente ao cometerdes esse delito ou qualquer outro, de qualquer natureza, vós sereis punidos!

Samizael fez menção de dizer alguma coisa, mas Miguel cortou-o:

-Dispensados!

Todos os anjos se dispersaram. Uns voando, outros andando. Uns tecendo comentários sussurrantes, outros entoando cânticos. Mas Rafael permaneceu ali, com os

¹⁴ O estado fundamental de anjos corresponde a uma estatura de aproximadamente quatro metros, enquanto que o dos arcanjos, cinco metros.

braços cruzados, encarando Miguel. Este o ignorou, rumando para a sua tenda, mas o outro arcanjo agarrou-o pelo braço e disse:

-Olhai, Miguel. Aposto que vamos ficar aqui por mais de um eon¹⁵. Se eles não tiverem alguma válvula de escape, teremos problemas!

-Largai-me! – vociferou Miguel, puxando violentamente o braço, parecendo irritado.

Mas aconteceu que alguns anjos não estavam longe o suficiente e foram atraídos pela discussão entre os dois arcanjos. Eles, então, aproximaram-se dos dois, em ressonância com o ato querouf.

-Ei! O que é isso, matador? Vossa conduta é ofensiva! – acusou Rafael.

-Vou fazer com que engulais vossas palavras! – gritou Miguel, com voz estrondosa, causando pequenos terremotos. Ao mesmo tempo, sacou a espada, olhando fixamente para Rafael, com olhos vermelhos de raiva.

Mas, o que aconteceu em seguida foi uma chuva de risos. Tanto Rafael quanto diversos anjos que estavam próximos não contiveram o riso e o ar vibrou plenamente com gargalhadas.

Em princípio, Miguel não entendeu o motivo daquilo, mas, então, percebendo que a arma que tinha em mãos estava estranhamente leve, olhou para a sua espada e constatou que, além do cabo, pouco restara de sua lâmina. Ele se esquecera completamente que sua arma havia sido quebrada em combate com o demônio.

E Rafael não perdeu a oportunidade de provocar ainda mais:

-Ei, matador, acho que perdestes alguma coisa, há, há!

Irritado, Miguel jogou o resto da espada longe e tratou de sumir de lá, levantando vôo. Era melhor assim, pois estava pleno de vontade de arremessar Rafael na inexistência.

Procurou voar para bem longe, para acalmar o seu coração, mas não seria naquele momento, pois, não muito longe dali, Uriel lhe emparelhou no vôo.

-Ei, o que está acontecendo convosco? – indagou o arcanjo negro, parecendo disposto a ajudar.

-Vade embora, Uriel. Não quero conversa – respondeu laconicamente.

-Ué, achei que fôssemos companheiros... O que aconteceu com a vossa espada?

-Não vos interessa! – gritou o matador de dragões.

¹⁵ Rafael estava errado. Os anjos permaneceram na Micropella por cerca de 15 eons, onde vivenciaram inúmeras batalhas e duas quedas. Eles deixaram o planeta somente quando este deixou de ser um mundo de expiação e provas, no final da Guerra das Virtudes, cerca duzentos e cinquenta mil anos após a Era dos Grandes Reis e Rainhas.

-Bem... quando eu estou assim, isto é, eu fico bravo às vezes, então eu falo, sabeis? Falar faz bem pro espírito!

Mas Miguel estava muito irritado e ele sabia que, se deixasse, Uriel iria falar por um eon inteiro sem parar. Então, a breve introdução do companheiro foi suficiente para que ele agarrasse Uriel pela placa de peito e o arremessasse para baixo, enquanto gritava:

-Já disse que não quero conversa, seu tagarela!

Uriel desceu rodopiando e se chocou contra a neve, se transformando num monte de asas brancas, sandálias e armaduras. Mas logo ele se recompôs, pois o golpe não havia sido muito grande e, teimoso, voltou a se emparelhar com Miguel. Porém, ele agora parecia tão irritado quanto o companheiro.

-Pois não vou parar de tagarelar! – exclamou ele, gesticulando afoitamente. – E vou tagarelar até o crepúsculo do Universo!

-Ora, seu... – ralhou Miguel, segurando firmemente o companheiro com ambas as mãos e voltando a arremessá-lo para baixo.

Mas, desta vez, desceu junto, em grande velocidade, até que ambos atingiram a neve, enterrando-se lá por quatro metros. Para se defender, Uriel passou a espernear e bater com os braços contra o companheiro, um tanto atrapalhadamente, repetindo:

-Largai-me, largai-me!

Miguel estava ao ponto de agarrar o pescoço de Uriel, apertando-o até que ele retornasse ao pó, mas, de repente, se deteve. Sem qualquer aviso, surpreendentemente, largou o companheiro e procurou se colocar em pé, olhando para longe, pensativo.

Mas Uriel estava empolgado com a briga. Parecia eufórico. Estava contaminado:

-Ei, seu covarde. Não agüenta uma boa briga, não é? Vinde aqui nesse buraco que vou vos dar uma lição!

-Uriel – disse Miguel, parecendo calmo agora, - é ele, é ele que está nos contaminando!

-Ei, que história é essa? Uma desculpa para fugirdes da briga?

-Não, Uriel. Eu e Rafael encontramos um demônio, e não foi um demônio qualquer. Um principado, eu acho. Ele tem uma mente poderosa. Quebrou a minha espada. É ele, Uriel. Ele está usando o seu poder mental para nos induzir à ira, ao atsô querouf.

-Perdestes o juízo? Um principado... nesse fim de mundo?

-Não sei quais são as suas intenções, mas ele deve ter algo importante a ganhar aqui. Temos que impedi-lo, Uriel!

-Ei, eu sou um mero noma, vos esquecestes? Que chances teria contra um principado? Deveríamos nos reportar a Mitrael!

-Sim, mas antes vamos encontrá-lo. Não precisamos lutar contra ele, apenas localizá-lo. Sinalizaremos mentalmente ao comandante quando o avistarmos. Só preciso que me ajudeis a localizá-lo. Vade, pegai a vossa trombeta!

#####

Miguel e Uriel não perderam tempo. O primeiro tivera uma idéia: enquanto sobrevoavam aquelas paragens, o arcanjo negro tocava periodicamente a trombeta. Então, ambos analisavam a reverberação, em busca de padrões peculiares. Não se pode dizer que não encontraram aquele demônio, contudo, se foi fruto do estratagema por eles utilizado é uma questão em aberto, pois foi o principado que os encontrou.

Como antes, em extrema velocidade, atingiu Uriel, tirando-o da trajetória sem que Miguel o percebesse. Arditosamente, o demônio o substituiu por uma réplica ilusória, que continuou a tocar uma trombeta. Miguel logo perceberia que a projeção do instrumento já não seria a mesma, mas tarde demais.

Já Uriel foi derrubado pela terceira vez naquele dia, atingindo o solo novamente em plena noite. Procurou se levantar o mais rápido que podia, mas quase caiu sentado quando viu o que tinha diante de si: uma figura grotesca, um ser que parecia ser uma grande cabeça, com um longo par de pernas e braços curtos, como um personagem onírico saído de uma das telas de Hieronymus Bosch. O rosto sorriu para ele, inclinando a cabeça, analisando-o.

Depois de alguns segundos, finalmente disse com voz extremamente fina:

-Ah, tendes desejos... metas e objetivos... Almejais... hum, deixai-me ver... serdes grande e poderoso como Gabriel!

Uriel tentou controlar o medo para que a sua mente não se perdesse. Tentou segurar-se contra a mente do inimigo. Mas este talvez tenha cometido um erro, pois, ao dizer a palavra Gabriel, fez com que Uriel se lembrasse das palavras do zak: "Ora, Uriel, podeis interagir com vossa chave. Conversar com ela, amá-la! E ela nunca vos abandonará!".

Então, rapidamente, retirou a chave de dentro da armadura de peito, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa com ela, a criatura grotesca abriu incomensuravelmente a boca, engolindo o arcanjo, projetando-o à inconsciência.

Ao perceber os diferentes acordes da trombeta, Miguel se virou em direção ao companheiro. Logo perceberia se tratar de um impostor, mas o demônio, rápido em seus atos, já estava incorporado naquela imagem de Uriel.

A figura do arcanjo negro flutuava no ar, batendo graciosamente as asas e o que aconteceu em seguida deixou Miguel atônito: uma formidável espada flamejante apareceu nas mãos da imagem de Uriel, uma arma poderosa, quase indefensável.

Miguel sabia que não poderia “correr”, pois seria varado por aquela espada. Então, procurou controlar a enxurrada de ira que o demônio tentava implantar na sua mente. Fechou os olhos e procurou se concentrar.

Já não tinha mais espada, mas isso não significava nada. Procurou acumular energia mental. O suficiente para liberar aquele conteúdo na forma de uma explosão, mas não uma explosão qualquer, uma explosão de palavras:

-Minha mente é minha espada! – gritou o arcanjo com tal poder que uma outra espada flamejante apareceu em sua mão.

-Ah, interessante! – exclamou o demônio disfarçado.

Então eles lutaram. Suas espadas se chocaram e se movimentaram num mar de fogo. O demônio ria e Miguel se concentrava. A noite quase se fez dia naquele momento, como se uma estrela tivesse nascido ali. Labaredas se projetavam em arcos, semelhante ao que acontece com a superfície do Sol. Labaredas essas desviadas pelo enorme campo magnético criado pelo combate.

Mas o demônio era ardiloso e cheio de truques. Não intencionava vencer Miguel por meio da espada, mas aquela arma fora utilizada apenas como distração. Ele soprou uma espécie de pó no rosto do arcanjo, que também o levou à inconsciência.

#####

Quando acordou, a primeira coisa que constatou é que estava numa espécie de caverna. Era escuro ali, embora a visão fosse possível. Na verdade não havia luz nenhuma no sentido estrito da palavra, mas os arcanjos têm a possibilidade de transformar sons e ultrassons (bem como outras percepções) em imagens visuais, captando-os como fazem os morcegos, mas, indo além destes, transformando tais percepções em cores e formas. Tentou se mexer, mas não conseguiu. Assim, abaixou a cabeça para verificar o que o prendia e se deu conta das correntes de luz que atravessavam diagonalmente o seu corpo e percebeu que uma porção dela deveria estar enrolada em seus punhos, mantidos unidos às costas, pois não era possível mover os seus braços.

Tentou se libertar em vão. Assim tratou de analisar a natureza daqueles grilhões e sua constituição lhe pareceu quase óbvia: “É claro”, pensou, “ele consubstanciou minha raiva!”. De fato, Miguel conhecia bem as suas fraquezas. E não era a raiva que fora provocada pelo demônio e que o indispusera com os seus companheiros. Não, essa não o prenderia. Era a sua raiva residual que ele usara, aquela que habitava fundo no seu ser, aquela que fora construída penosamente no seu passado, um passado que preferia esquecer mas que não conseguia. Seu inimigo era um lorde demônio e, aparentemente, tinha habilidade especial para extrair da mente de suas vítimas o que lhes era mais desafiador e impeditivo.

Miguel já tentara se livrar daquela raiva residual inúmeras vezes, mas ela persistia sem que compreendesse completamente o porque, embora – acreditava ele – apesar de lhe estabelecer fraquezas, talvez fosse sua maior fortaleza e a arma que utilizava no enfrentamento de desafios.

Procurou, então, pelo demônio, mas ele não se encontrava em seu campo transvisual. Mirou as rochas que revestiam a caverna e viu que eram grossas e sólidas. “Novamente pedras e rochas”, pensou ele, “tenho que trabalhar isso em minha mente!”. Outra fraqueza.

Então, finalmente o viu. Apareceu diante do arcanjo, caminhando simplesmente. Mirou-o com olhos agressivos e, ao mesmo tempo, debochados. Mas não era a ira o fator predominante que Miguel percebeu na fisionomia do demônio, e sim o prazer. Talvez o prazer de vê-lo ali, submisso, indefeso contra o que quer que ele quisesse fazer. Devia estar no seu estado fundamental, na sua forma real, afinal, por que não o estaria, já que, agora, devia se sentir totalmente senhor da situação? O que chamava mais atenção na sua aparência era, além de seu couro escuro e enrugado, os dois enormes chifres sobre a cabeça. Eles eram espessos, semelhantes aos dos bodes. Iniciavam nas laterais da testa, projetando-se para cima e depois para trás, em curva contínua, até voltarem de trás para frente, vindo a precipitar suas pontas logo acima dos ombros. Seus olhos eram completamente negros, sem orbes brancas, e o fitavam com deleite, com um requinte de curiosidade, desalinhados na cabeça pendida para o lado. Não havia nariz, apenas duas cavidades. As orelhas eram pontudas, como a dos elfos, mas proporcionalmente maiores. A boca era enorme, sendo que ele quase sempre a mantinha aberta, exibindo uma cavidade escura como aquela caverna, guardada por dentes longos e pontegudos e uma comprida língua negra de igual forma. Seu queixo também era longo e, conforme se projetava para baixo e para frente, se transformava gradativamente numa espécie de barba de bode. Seus pés e mãos, é claro, eram garras, a marca registrada dos demônios. Dos cantos dos lábios inexistentes escorria, lenta e continuamente, uma gosma cinzenta, a qual Miguel adivinhou ser os desejos consubstanciados da criatura. Estava claro agora que aquele demônio se alimentava das impressões e sentimentos de seres inferiores, e não era de sentimentos nobres. Pronto. Eram elementos suficientes para já saber quem estava diante de si.

E, como a criatura nada dizia, limitando-se a olhar sua presa inclinando alternadamente a cabeça para um lado e para o outro, Miguel tomou a iniciativa, indagando aquilo que já sabia:

-Quem sois vós?

O demônio recuou e assumiu uma fisionomia contrariada:

-Ah, não sabeis quem sou? – indagou, com voz sussurrante.

-Deveria? – indagou Miguel, tentando também assumir um ar de arrogância. Era uma estratégia. Foi um teste. Ele conseguira esconder o seu conhecimento do demônio. Era, então, possível blindar, pelo menos parcialmente, a sua mente. Adicionalmente, tentaria assumir postura tal a sugerir a desimportância do demônio. Aquilo deveria enfraquecê-lo.

Mas agora o demônio riu, aparentemente percebendo o estratagema. Então, sorrindo, apresentou-se. E, enquanto falava, exibia caretas, enrugando a face. Contraía os olhos, tentando impor o pensamento. Cheirava o ar, procurando conhecer mais sobre o inimigo.

-Já que sois estúpido o suficiente para não me conhecer – disse ele, - deixai-me apresentar: Sou um ser de riquezas e bom gosto, e estou por aí, por um longo, longo tempo. Roubei muitas almas e a fé dos homens. Prazer em conhecer-vos e espero que adiviniais o meu nome. Mas vejo que o que vos intriga é a natureza do meu jogo. Eu sou aquele que assistiu com alegria, quando vossos reis e rainhas, por dez éons, lutaram entre si em nome de deuses que criei. Então, ao lidardes comigo, é melhor que tenhais alguma cortesia, alguma simpatia, do contrário... – e aproximou a sua face de Miguel e vociferou: - ...consumirei a vossa alma!

Um pouco da baba do demônio respingou no rosto do arcanjo, sem que este pudesse limpá-la. Mas Miguel procurou não se abalar, mantendo a impassividade. O monstro se afastou e, arditosamente, indagou:

-E, então, dizei-me, criança, qual é o meu nome?

Miguel era bem ciente sobre o poder dos nomes. E não titubeou, sabia quem estava à sua frente:

-Sois aquele que já foste um arcanjo. Vós e vossos três companheiros já fostes guardiões de um mundo, como eu e os outros sub-comandantes de minha companhia. Como nós, também já servistes Aoor, mas vossas almas se degeneraram e se perderam. Sois Santamathnas, o Senhor de Nêmena!

-Ah, muito bem – disse o demônio, também sem se abalar, - já sabeis o meu nome. Mas olhai bem para mim e contemplai o vosso próprio futuro!

-Meu futuro? – estranhou Miguel. – Não. Jamais serei como vós!

O demônio de Nêmena riu. Gargalhou, elevando a sua face às alturas.

-Ah! Doce ingenuidade! Isso me enche de energia! – bradou, com voz forte e firme. Depois, olhou novamente para o arcanjo e sentenciou:

-Tal futuro é inevitável! – sussurrou, seguro. - Não percebestes ainda? – indagou, maliciosamente. - Basta olhar à vossa volta! – gesticulou, passeando os seus braços para o ar, em voleio.

Depois passou a explicar pormenorizadamente, ainda gesticulando didaticamente:

-Os seres crescem, tornam-se vigorosos e fortes, mas, mais cedo ou mais tarde, experimentam o declínio. As árvores, também esplendorosas, definham e têm as folhas caídas. Os rios... um dia secam. As próprias estrelas, após um ápice, degeneram. Assim é a existência: todos os seres, um dia, têm as suas almas degeneradas! É a lei do existir!

-Vossa visão é estreita – afirmou Miguel, com segurança. – Onde vedes a destruição, vejo o renascimento. Onde vedes a degenerescência, vejo a renovação! A árvore define para dar lugar a novas plantas; as estrelas morrem, mas outros universos são criados; os seres morrem, para renascer, mais esplêndidos, para a vida eterna!

-Ah – exclamou o demônio, com desdém, - as palavras de Aor... Belas, mas sem vitalidade. Dizei-me, Miguel, estais aqui para proteger os homens, mas... o que os atrai mais, o que lhes é mais saboroso e vital: o árduo caminho da retidão ou a orgasmática atitude do mal? O que vos parece mais simpático ao homem: o enfadonho que faz o que se deve fazer ou a intrigante e obscura personalidade negra?

Miguel pensou por alguns instantes. Estava na hora de fazer a pergunta.

-A quem servis? A Oblaron Azac? Por que este planeta insignificante é tão importante para vós a ponto de um lorde demônio ser enviado para cá?

O demônio riu novamente:

-Acreditais mesmo que revelaria tal informação ao inimigo? É claro que jamais deixareis este lugar, pois sereis transformado em pó. Mas, mesmo assim... não podemos arriscar que vossa mente projete alguma informação para fora daqui... – Nesse momento, o senhor de Nêmena tentou uma careta que parecia um bico nos lábios, elevando a sua ironia ao máximo que podia: - Pobrezinho. Sinto muito!

-Ah, é? – apressou-se a dizer Miguel. – E por que não o fizestes antes? Por que já não me destruístes?

-Prazer! – respondeu prontamente o demônio. – Quero me divertir!

E então iniciou um discurso, afastando-se um pouco do arcanjo. Passou a andar de um lado para o outro, gesticulando, fazendo com que o rabo deixasse um sulco no pó que havia ali.

-Quero implantar idéias confusas, que é o meu papel na Existência! Quero vociferar palavras de minhas entranhas, entendeis? Palavras! Palavras saídas de meu ventre com um ato de... de reprodução, de criatividade, de arte... – Uma pausa para inspiração. – Gosto de palavras. Palavras doces tais como: "Quem de nós pode conviver com o fogo consumidor? Quem de nós pode conviver com a chama eterna?" ou "O Senhor é meu pastor e nada me faltará"! Gosto particularmente dessa frase. Conheceis tais palavras, não? Inspiradoras! Nações inteiras foram destruídas por causa delas! "O Senhor é meu pastor e nada me faltará"! Sabeis o que está por trás dessas palavras, não sabeis? Um hino à imobilidade e à irreflexão. Um hino paralisante, que torna humanos dóceis ao ponto de serem dizimados pelos lobos! – E ele parecia saborear aquelas palavras, sorvendo-as do ar, como revigorante fragrância: - Ah, a sensacional perspectiva que criamos... a de que no mundo há os bons e os iníquos e que esses últimos perecerão nas chamas dos infernos!

Miguel mirou o seu interlocutor, estreitando os olhos. O procedimento típico das hostes azaquianas: espalhar entre as tribos humanas mal esclarecidas a noção de uma perspectiva de punição e recompensa – um ato que deliberadamente atrasava a evolução da humanidade em milhares de anos.

Então, de repente, o arcanjo compreendeu algo que não lhe havia ocorrido antes: aquela devia ser a maior fonte de energia das hostes demoníacas da Via Láctea: o

estabelecimento do terror e do medo entre as criaturas pouco evoluídas drenaria energia da mente dessas criaturas, resultando num empoderamento considerável do inimigo¹⁶. E aqui, na Micropella, diante da nascente humanidade, Santamathnas estava imerso num imenso campo de energia, que o alimentava e fortalecia. E só havia uma maneira de enfrentá-lo: seu corpo astral estava aprisionado, mas sua mente não.

-É melhor desistirdes. Logo meus companheiros me encontrarão – disse Miguel.

De fato, ele não acreditava naquilo, mas tinha que distrair o demônio. Assim, pensou periféricamente nos companheiros e nos anjos, enquanto procurava manter um núcleo de pensamentos longe do alcance de Santamathnas. Ele só esperava que este não percebesse a estratégia.

-Ah, que tragédia! – respondeu o senhor de Nêmana, ainda irônico. Depois, rindo, acrescentou: – Minha dúvida, de fato, é: Deverei eu dar cabo logo de vós ou deverei incluir Rafael e Uriel também no pacote?

O núcleo mental de Miguel passou a trabalhar. O grande Ashiata Shiemash lhe havia ensinado que a realidade emerge da intrincada estrutura da múltipla interferência entre as mentes presentes no Universo e que detalhes locais dessa estrutura podem ser desvendados a partir das características das diversas informações perceptivas colhidas no presente. Assim, ele pensou. Lembrou-se de detalhes do que havia acontecido nos últimos dias que lhe pareciam significativos. Mas, ao mesmo tempo, sua mente periférica manteve o diálogo com o demônio.

-Não estou me referindo a esses – disse Miguel, misteriosamente, tomando o cuidado para manter a mente do inimigo ocupada.

O demônio pensou, mas logo indagou:

-E a quem vos referis?

Gabriel... ele recebera Uriel em sua tenda. Raramente permitia a outro ser adentrar o seu antro de reflexão. Mas por que o fizera para o companheiro? E por que tão cedo, há poucos meses de sua chegada?

-A Gabriel, o Anunciador! – declarou o arcanjo.

-Há, este! – exclamou o demônio. – Levá-lo-ei à inexistência também!

Embora o seu núcleo oculto refletisse, ao mesmo tempo Miguel procurou observar atentamente Santamathnas. Foi quase imperceptível, mas ele tinha medo de Gabriel.

Gabriel havia aconselhado Uriel a estudar sobre os lordes demônios, mas... ele sabia que não havia contato com o mundo exterior. Provavelmente também sabia que o único livro que Uriel encontraria seria aquela coisa que Virandir havia escrito e, é claro, na sua ampla

¹⁶ A época em que os anjos chegaram à Micropella marcava o início da Guerra das Virtudes, a partir da submissão do poderoso Oblaron Azac a uma fagulha de pesadelo do Trono Aaaari Uz. Nessa época, os auxiliares de Aor ainda não tinham uma clara idéia dos métodos empregados pelos lordes demônios azaquianos.

pentavisão, ele deveria ter previsto o que Uriel acharia interessante lá. “Sabíeis que um poderoso lorde demônio de Altazar foi derrotado por ter se engasgado com um pedaço de mortadela?”, dissera Uriel, ele bem o lembrava. Não sabia o que seria mortadela, mas estava claro que a palavra mágica era: engasgado.

-Não acredito que será assim tão fácil! – provocou Miguel.

É claro que o lorde demônio se sentiu ofendido. Assim, aproximou novamente o seu rosto e disse com voz suave e baixa:

-Duvidais dos meus poderes? Posso vos dar uma amostra agora mesmo!

De fato, engasgar era o caminho. No seu estado fundamental, aquele ser apresentava braços curtos. Certamente, naquele estado, não conseguiria tirar algum objeto da garganta. Provavelmente uma fraqueza da sua mente. Aquele demônio devia ter pesadelos com sufocamento. Pronto. Já tinha um ponto de partida para arquitetar um plano. Somente não poderia sentir a mínima euforia com a descoberta. Tinha que permanecer frio e, se possível, com aspecto de derrotado.

-Não duvido dos vossos poderes. Mas, se fosse vós, também não duvidaria dos poderes dele. Gabriel já venceu hordas angelicais inteiras!

-Ah, um grande desafio. Isso me excita! – exclamou o demônio, exibindo olhos de fogo. – Primeiro vou dar cabo de vós, depois vou atrás dele!

Ali, no plano astral, não havia muita coisa que pudesse usar para engasgar o inimigo. Havia apenas rocha, areia e argila. Argila, é claro!

-Permitais um último desejo? – indagou Miguel.

-O que, criatura insignificante?

-Inverter a ordem da coisa. Combatei primeiro Gabriel e depois me matai. Não perderia isso por nada!

-Ah, esperto vós! – exclamou Santamathnas, rindo e debochando. – Esperto e covarde!

Já sabia com que engasgar o monstro. Somente, agora, tinha que resolver uma questão. Estava preso. Teria que se libertar daqueles grilhões. Eles eram feitos de suas próprias fraquezas mentais. O mesmo fenômeno que impede os humanos de se tornarem magos. Tentou forçá-las, mas levemente, apenas para testar sua rigidez. Verificou que não poderia se libertar assim, por si mesmo. Precisaria de ajuda externa, mas não sentia os seus companheiros ao alcance de sua mente. Santamathnas, é claro, a estava blindando. Mas podia sentir outras coisas, as quais, provavelmente, ele não julgasse importante blindar: os humanos.

Ao dizer aquelas últimas palavras, o demônio sacou a sua lâmina curva, a mesma que usara antes. Aproximou o metal etéreo reluzente da face de Miguel e ameaçou:

-De que maneira quereis ser retalhado, longitudinalmente ou transversalmente? Há há há!

O lorde de Nêmena riu por um longo tempo, caçoando do arcanjo. Mas Miguel exibia apenas um aspecto externo de temor. O núcleo da sua mente, agora, viajava.

Viajava para o sul, para além da capa de gelo, para um local onde a glaciação não atingira. Procurou entre dezenas de tribos ou, talvez, centenas. Viu como a mente de todos eles estava perturbada com a presença do demônio no planeta. É claro que eles não tinham consciência disso, mas era nítido que estavam mais temerosos que o normal. Muitos se encolhiam de medo de coisas simples como pequenas aranhas ou ratos, outros simplesmente corriam sem saber por quê. E a mente de Miguel podia ver os halos brancos de saíam como jatos de suas cabeças em direção àquela caverna, alimentando Santamathnas de energia. Aquelas palavras... -"O Senhor é meu pastor..." – ecoavam através do éter, embora os humanos não pudessem materialmente ouvi-las. Miguel teria que pensar em outras palavras. Uma contraposição. Algo que ecoasse profundamente no coração dos humanos, ou de pelo menos um deles, um que pudesse ouvir. Palavras que poderiam enchê-los de coragem e esperança. Palavras de Aor. Mas quais?

E, enquanto o lorde demônio passeava a ponta da lâmina sobre o rosto do arcanjo – o que não era um ato de pura crueldade, mas uma forma de absorver energia de alta qualidade do seu ser – Miguel encontrou algo.

Ela sentia fome, muita fome. Sabia por instinto que morreria, bem como o seu bebê, que segurava com um dos braços enquanto mamava. Não poderia parar. Não poderia descansar. Era um campo aberto. Sabia que não deveria estar ali, mas... vira grandes pássaros deixando aquela árvore que estava bem no meio do campo e, onde havia pássaros, havia ovos. Assim, corria pelo mato que mal atingia os seus joelhos. Podia ver ao longe, mas, mesmo assim, era difícil correr ali, dado a irregularidade do solo, existência de pedras ocultas pelo mato e também presença de brejos.

Mas, finalmente, chegou até o pé da árvore. Não conseguiria subir nela segurando o bebê. Há muito os filhotes de hominídeos perderam a capacidade de se agarrar firmemente nas mães. Assim, hesitou. Olhava para os galhos das árvores (e dava para ver os ninhos) e, ao mesmo tempo, apertava o bebê contra o corpo.

Ficou um bom tempo assim, hesitando. Depois, começou a olhar à sua volta. Nem sinal de nenhuma fera. Mas elas eram silenciosas e apareciam do nada sem o menor aviso. Estava com medo. Os tigres normalmente pegavam os bebês, era a sua presa favorita.

Tentou apurar os ouvidos, mas nada ouviu além do vento contínuo e lamentoso que insistentemente fustigava o mato. Então, finalmente tomou a decisão. Havia um tronco quebrado ali perto. Um tronco largo num formato e tamanho suficientes para acomodar um bebê. Colocou-o ali, cuidadosamente. A criança chorou. Começou a berrar e a espernear. Ela hesitou novamente.

Seu peito arfava. Sua visão estava ficando turva. A fraqueza estava tomando conta do seu ser. Sentia-se zozna. Tinha pouco tempo. Tinha que reagir. Fechou os olhos e balançou a cabeça, procurando não se importar com o choro da criança. Então virou-se e se dirigiu à árvore. Mal tocou no tronco e ouviu aquele som medonho.

No susto, virou-se e viu a criatura ali, a poucos metros da criança. Um formidável tigre de dentes de sabre macho adulto. Sua boca tremia, seus olhos faiscavam, seu pelo brilhava à luz do Sol matinal.

“Como eram aquelas palavras mesmo?”, pensou Miguel, já sentindo a pele de seu rosto astral se abrir ao contato com a lâmina. Procurando não deixar que a dor se instalasse na sua mente, passou a cantar:

Bebei, bebei

Pois a água viva ainda está na fonte

Tendes dois pés para cruzar a ponte

Nada acabou!

O demônio hesitou, sem entender a razão daquilo. Milhares de quilômetros ao sul, a jovem mãe humana pensou em fugir, mas algo dentro de si a deteve. O tigre a encarou, mas ela o encarou. Ela estava submersa no medo, mas havia mais uma coisa. Alguma coisa que não compreendia direito. Algo que a prendia ali. Não queria abandonar o bebê. E algo estava lhe dando uma porção de coragem.

Tentai!

Levantai a vossa mão sedenta e recomeçai a andar

Não pensai que a cabeça agüenta se vós parardes...

Santamathnas pensou durante alguns segundos, aparentemente desorientado. Depois, não encontrando razão para o canto do arcanjo, apertou-lhe a garganta com as garras o mais fortemente que podia. Mas Miguel havia concentrado muita energia naquilo e continuou a cantar:

Há uma voz que canta

Uma voz que dança, uma voz que gira,

Bailando no ar

Queirai!

Basta ser sincero e desejar profundo

Vós sois capaz de sacudir o mundo

Vade!

Foi um impulso, um instinto, uma explosão. O felino sacudia as omoplatas para saltar, mas ela foi mais rápida. Um salto quase irracional. Pulou em direção ao perigo e a morte possível. Agarrou o bebê, bem a tempo de tirá-lo da trajetória das garras da fera.

Ao mesmo tempo, os grilhões se partiram e aconteceu tudo muito rápido. Mesmo com a garganta ainda a ser comprimida, Miguel se abaixou e apanhou um bom bocado de argila que, incontinenti, enfiou dentro da goela aberta do demônio. Ele o soltou e passou a se debater. De fato, os braços não alcançavam o interior da boca. Ele tentou se transubstanciar, mas era tarde demais. Apanhado por um lapso mental recheado de medo, trauma e surpresa, debateu-se freneticamente, tremendo, até desaparecer por completo, deixando o arcanjo com a esperança de ter retornado à inexistência.

A humana correu com o bebê no colo. O tigre, tão logo entendeu o que acontecera, partiu rapidamente atrás dela. Iria alcançá-la em poucos segundos, mas algo aconteceu. Outra explosão no interior do ser daquela selvagem fez com que ela se virasse, olhando o seu algoz de frente. O tigre, ao vê-la assim, hesitou. Parou e urrou, tentando impor a sua soberania, tentando impor o medo à sua presa. Mas esta não reagiu como ele esperava, pois ela gritou, gritou com uma voz alta e poderosa, uma voz de mãe que protege a sua cria.

O tigre murchou as orelhas, desviou-se e correu em outra direção.

#####

Pouco tempo depois, Miguel agachava-se nas proximidades daquela árvore. A humana não podia vê-lo, apenas podia sentir a tranquilidade gerada pela sua presença. Sentindo-se segura, agora, ainda conservava o filho sobre a barriga, enquanto que, encostada contra o tronco da árvore, enfiava um ovo inteiro na boca, com casca e tudo, quebrando-o entre a língua e o céu da boca, sorvendo o precioso líquido.

Miguel disse mais para si mesmo do que para ela, com voz suave e vagarosa:

-Minha pequena selvagem amedrontada... obrigado!

E, curioso, passou a observá-la. Compreendeu, então, que aquela quase insignificante representante humana poderia ser a razão da sua estada ali. Estava intrigado com ela. Algo diferente despertara ali. Uma coragem, um desejo de crescimento.

Levantou-se e tomou uma decisão: iria acompanhar a sua evolução, vida após vida.

E pensou em como chamá-la. Ela teria muitos nomes, embora muitas seriam as encarnações em que não teria nome algum. E o nome Ihe veio à mente, sem jamais o saber de onde:

-Aara... - balbuciou

#####

Uriel foi encontrado vários dias depois, deitado de costas na neve, com uma cara de felicidade estampada na face, tendo sua chave sobre o peito. Talvez estava lá assim, pois constatara que a chave o protegera.

#####

E após algumas semanas, num dia, ao raiar do dia, quando os anjos levantavam vôo para mais um dia de missão, Miguel, que observava seus subalternos partirem, sentiu um peculiar ardor na face. Logo percebeu que era Gabriel que passava nas proximidades. Era estranho, mas ele passava ali bem devagarinho, a passos muito, muito pequenos – dir-se-ia andar como uma gueixa dentro de um vestido apertado.

Miguel teve a intuição de que ele estaria querendo chamar a atenção. Portanto, olhou para ele, cumprimentando-o com a cabeça. E talvez fosse isso mesmo que ele quisesse que o Iodu fizesse. Uma espécie de “muito obrigado”. Então, ele sorriu e inclinou também a cabeça, como querendo dizer “de nada!”. E, tão logo fez isso, sob um discreto jao-mazdar¹⁷, desapareceu como um raio, em direção ao espaço sideral.

#####

Nas próximas semanas, nada de extraordinário aconteceu. A ausência do demônio daquele mundo instituiu uma espécie de paz entre os humanos e proto-humanos. Contudo, um dia, algo realmente extraordinário ocorreu.

Era noite e Miguel estava sentado sobre uma pedra, no alto de um monte, tentando decifrar a linguagem dos ventos. Ouvia lamentos do Zephyros, contando histórias daquelas criaturas que adviriam no futuro: os elfos. Foi quando sentiu um tremor na estrutura do espaço-tempo.

Um portal se abriu no meio da escuridão e, dali, surgiu nada mais nada menos que o próprio Aaor, o Senhor da Luz.

¹⁷ Ver O Arcanjo Miguel e os Dragões de Kanera - <http://pt.scribd.com/doc/112069226/O-Arcanjo-Miguel-e-Os-Dragoes>.

Ele veio na forma de um vapor reluzente, branco-amarelado, de forma humana e, tão logo o viu, Miguel pôs rapidamente um dos joelhos no chão e, imediatamente, com a cabeça baixa, sem ousar olhar para o Comandante Supremo, indagou:

-Quais são vossas ordens, comandante?

-Ordens? – indagou Aaor, com voz bruxuleante, retirando um objeto longo e ígneo de dentro do próprio corpo. - Fiquei sabendo que vossa espada se partiu. Um soldado de nossa companhia não pode ficar desarmado.

-Senhor? – indagou Miguel, sem compreender onde o comandante queria chegar.

-Tomai – disse a virtude, estendendo uma espada flamejante na direção do arcanjo. – Esta é Ishmar, que um dia pertenceu a Ishmariuh. Desafios maiores advirão!

Miguel ousou erguer os olhos e, após alguns instantes de hesitação, apanhou a espada, deixando que Aaor a escorregasse para as palmas abertas de suas mãos. Então, sentiu o calor daquelas chamas. Elas não ardiavam ou destruíam o seu corpo astral. Contudo, sentia o poder que dali emanava.

-Mas... senhor... Esta espada... é digna de uma potestade!

-Nada mais vos seria adequado – disse a virtude.

-Mas... não entendo, senhor... Por que estais a me presentear com essa arma?

Numa face móvel, feita de vapor, por um breve instante, Miguel pensou ver um evento impossível: o Senhor da Luz a sorrir. E, logo, veio a explicação:

-Porque vós sois o meu campeão!

E desapareceu, como por encanto.

#####

Na próxima aventura do arcanjo Miguel:

Miguel e Rafael se apresentaram lado a lado, esperando pelas ordens. Mitrael uniu as mãos às costas e não parecia com uma cara muito boa. Ai vinha coisa.

-Muito bem, tenho uma missão para vós: Devereis vos dirigir à Lua e trazer de lá um canhão phaser operacional.

Os dois arcanjos arregalaram os olhos. Miguel demorou para se recuperar, pois mal acreditava no que havia ouvido. Já Rafael foi o primeiro a tentar articular alguma coisa:

-Mas, comandante... eu destruí aquele canhão phaser no dia que caímos aqui...

Mitrael parecia impassível:

-Nossos sensores detectaram a presença de mais três, pouco antes de cairmos.

Os arcanjos se entreolharam. Depois foi a vez de Miguel objetar:

-Senhor, teremos que tirá-lo da base... Podemos é claro chegar lá, mas não há carbono na Lua... Como iremos nos consubstanciar?

-Este é um problema vosso. Podeis vos transubstanciar em alguma criatura de silício, uma salamandra talvez.

-Já fizestes isso alguma vez? – indagou Rafael ao companheiro.

-Não... – respondeu Miguel, parecendo desapontado. Depois voltou a se dirigir a Mitrael:

-Comandante... digamos que consigamos colocar o canhão em órbita da Lua. Mas como vamos impedir que ele queime na entrada da atmosfera deste planeta?

Mitrael, na verdade, não tinha resposta àquela questão. Limitou-se a dar de ombros e dizer:

-Já tendes as vossas ordens.

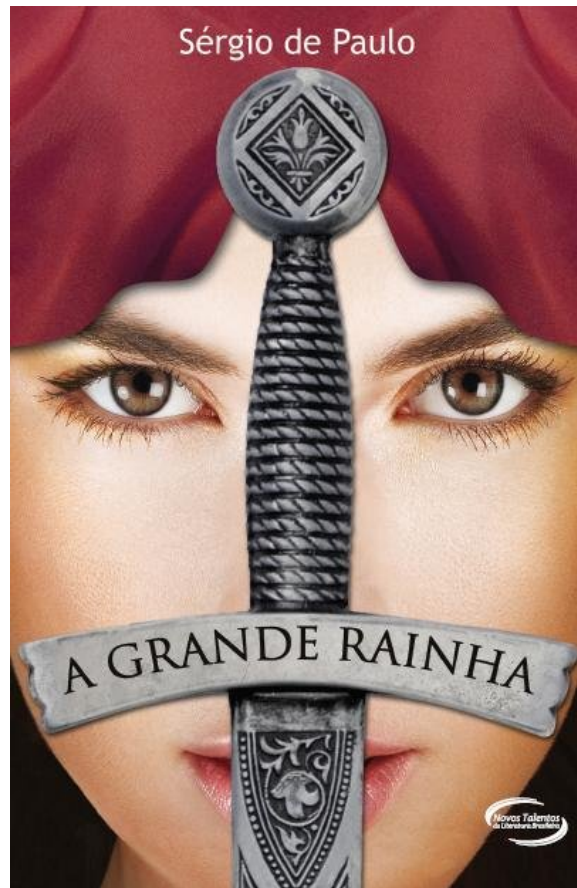
Os arcanjos se olharam por uma terceira vez. Aquilo não seria nada fácil.

Em:

O ARCANJO MIGUEL E O TEMPLO DE ATHRIS

Já nas livrarias:

O primeiro livro da Saga de Mitrax:



A Grande Rainha

Nas melhores livrarias do país.